

A Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Presidente do maior fundo de pensão da América Latina afirma que, ao contrário da expectativa do governo, entidades de previdência não poderão aplicar seus recursos em projetos de infra-estrutura

Sem dinheiro para investir em produção

José Varella 3.2.04



SÉRGIO ROSA, DA PREVI: POUCA PERSPECTIVA DE INVESTIMENTO NOVO

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo vinha contando com os fundos de pensão como fortes aliados para a retomada do crescimento. Donos de uma poupança superior a R\$ 220 bilhões, essas entidades teriam, pelas contas do Palácio do Planalto, capacidade para desembolsar cerca de R\$ 40 bilhões em projetos de infra-estrutura e no aumento da produção. Mas o presidente da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ), Sérgio Rosa, jo-

ga uma ducha de água fria em tais pretensões. "Esses R\$ 40 bilhões são um exagero", garante.

Do lado da Previ, maior fundo de pensão da América Latina, com patrimônio de R\$ 58 bilhões, segundo balanço de dezembro de 2003, não há nenhum dinheiro novo disponível para os projetos do governo. Os recursos estão aplicados além do permitido por lei em ações de empresas produtivas. Para se enquadrar, terá que se desfazer de pelo menos R\$ 5,8 bilhões. O problema é que, com o mercado acionário em polvorosa, devido às incertezas que voltaram a rondar o Bra-

sil, qualquer movimento do fundo fará um estrago monumental nas bolsas de valores. Mas, independentemente dos ajustes que venham a ser feitos nos fundos, o futuro do setor é promissor, diz Rosa. Ele conta que a Previ está completando 100 anos de vida neste ano contando com 125 mil participantes e pagando 66 mil benefícios entre aposentadorias e pensões. O complemento de salário pago pela fundação corresponde a 72% da renda dos aposentados do Banco do Brasil. A seguir, os principais trechos da entrevista que Rosa concedeu ao Correio.

“NÃO SE DEVE ESPERAR QUE OS FUNDOS DE PENSÃO SUPRAM AS NECESSIDADES DO PAÍS

Sérgio Rosa, presidente da Previ

ESTRATÉGIAS DA PREVI

Crescimento

Os fundos de pensão são, naturalmente, investidores de longo prazo e podem vir a direcionar investimentos para o setor produtivo sempre que se garanta a rentabilidade, a liquidez e os compromissos atuariais. Não se deve esperar que os fundos de pensão venham a suprir todas as necessidades do país em termos de investimentos para promover o crescimento do Brasil. Primeiro, porque não é essa a relação de poupança que temos no país. Segundo, porque os fundos têm de respeitar as necessidades de seus participantes.

Investimentos novos

A Previ tem uma situação peculiar no sistema de fundos de pensão, porque já tem 60% de sua carteira de investimentos aplicados em renda variável (participações acionárias

em empresas, sobretudo). Legalmente, temos que diminuir esse percentual para no máximo 50%. Então, o foco de nossa atuação tem sido o de investir em empresas nas quais já temos participação (são mais de 100), aumentando valor e ampliando a produção dessas companhias. Ou seja, temos poucas perspectivas de vir a realizar investimentos novos.

Margem de manobra

Por meio das empresas em que temos participação acionária, já estamos investindo em infra-estrutura. É o caso da Brasil Ferrovias, onde estamos fazendo todos os esforços para ampliar e melhorar os serviços prestados pela malha ferroviária. Temos investimentos em energia elétrica. As distribuidoras estão fazendo investimento em geração. Temos investimentos na Vale do Rio

Doce, com todo um planejamento de logística, que está permitindo a melhoria de portos. É difícil dizer, no entanto, quanto há disponível para os projetos, porque tudo está nos planos das investimentos das empresas.

Apoio à PPP

A nossa preocupação com as Parcerias Público-Privadas (PPPs) tem sido mais a de tentar analisar os aspectos legais do projeto. É importante que ele venha realmente a dar garantias para o investidor. Vamos começar, também, a desenvolver metodologias para análises das propostas de parcerias a serem apresentadas, para que possamos ter a liberdade de aplicar nos projetos que estejam de acordo com as nossas premissas de investimentos.

Estrangeiros

Estamos buscando parcerias com fundos

estrangeiros e tentando aprender formas de gestão com eles. Com os fundos brasileiros, estamos mostrando aos estrangeiros as oportunidades de investimentos no Brasil. Neste ano, inclusive, vamos realizar um congresso no país, para o qual virão gestores de fundos estrangeiros, um reflexo desse intercâmbio. Nós achamos que, ao longo do tempo, a comunicação vai gerar mais oportunidades de negócios no país.

R\$ 40 bilhões

Eu considero um exagero a previsão de alguns analistas de que os fundos de pensão de estatais teriam R\$ 40 bilhões para investir em infra-estrutura. O potencial de investimentos depende de cada fundação. Não existe uma conta reunindo a disponibilidade de todas as entidades.

Páginas policiais

É preciso deixar claro

que não são só os fundos de pensão que, eventualmente, têm problemas de gestão. Num passado recente, nós tivemos quebra de bancos. Para evitar que novos problemas venham a acontecer, o importante é aumentar o grau de fiscalização, aumentar a transparência nas prestações de contas dos fundos e a presença dos participantes dentro da gestão das entidades e melhorar a legislação em relação à responsabilidade dos dirigentes.

Futuro do setor

Vemos um futuro muito promissor para os fundos. A Previ está fazendo 100 anos e é um exemplo de solidez, mesmo tendo passado por momentos difíceis. O sistema que está em vigor é uma fórmula correta e adequada para dar garantias previdenciárias aos trabalhadores. Com todas as melhorias nos

sistemas regulatórios que estamos tendo e a profissionalização na gestão, os fundos de pensão têm um amplo espaço para crescer.

Desafios

A Previ tem de fazer o enquadramento de sua carteiras de investimentos, como manda a lei. Estamos acima do permitido na carteira de ações — cerca de R\$ 5,8 bilhões. Dentro da carteira de ações, temos algumas participações complicadas, para as quais estamos tomando medidas corretivas, como no setor de telecomunicações, onde nossa posição é ruim. Há ainda empresas com baixa rentabilidade (como a Paranapanema), sobre as quais já estamos agindo. Obviamente que, num primeiro momento, a perspectiva é aumentar o valor dessas participações e, depois, negociá-las no mercado.